

Título	Objetos como Alegorias	Autora	Sérgio Romagnolo
Data	2007	Artista	Rodrigo Cass
Publicação	ROMAGNOLLO, Sérgio Mauro. <i>Objetos como Alegorias</i> . Belo Horizonte: Celma Albuquerque Galeria de Arte, 2007 (Folder de exposição).		

Objetos como Alegorias

Quando em 1913 Marcel Duchamp realiza seu primeiro ready-made, embora não com este nome nem tampouco com a intenção de que fosse uma escultura, segundo ele mesmo afirma em entrevista à Pierre Cabanne¹, Duchamp funda uma nova forma de produzir arte. Inicialmente o fato de um objeto do mundo comum ser colocado como arte já era por si só um assunto singular. Estranhamente, esse assunto é capaz de causar ainda hoje alguma polêmica, pelo menos nos meios mais diletantes da arte. Mas no início do século XX, um objeto já pronto, industrializado, tornar-se arte colocava em cheque os limites da própria arte. Duchamp diz à Cabanne que a “escolha do ready-made é sempre baseada na indiferença visual e, ao mesmo tempo, numa ausência total de bom ou mau gosto”², mas será que uma roda de bicicleta colocada simetricamente sobre um banco e esse conjunto sobre uma base, como uma escultura, não teria uma relação de composição e, conseqüentemente, com o bom gosto? Mesmo quando Duchamp fala de como teria pensado em pintar um moedor de chocolate, pode-se perceber um certo encantamento com a visão repetida da máquina e sua relação com os eventos emotivos familiares³, como se a relação familiar passasse por um moedor. Uma das transformações que se coloca com o primeiro ready-made é que nesses termos a escultura não está representando uma figura, ela está se apresentando como ela mesma, sem representação, sem alegoria, pelo menos nos termos referidos por Duchamp.

O uso de objetos comuns na confecção de obras de arte tem se transformado desde Duchamp. Esta transformação parece mostrar que, se no início do século XX, a adoção de um objeto para aparecer como obra de arte não levava em conta elementos estéticos, hoje estão contidos mais intenções alegóricas do que não alegóricas. Isso quer dizer que, se uma escolha desvinculada de senso estético para a confecção de obras apresentava no início do século um caráter central nesta mesma obra, hoje essa escolha passa por uma metáforização e uma alegorização desses mesmos objetos.

Portanto, existe a possibilidade de os objetos estarem sendo utilizados como uma matéria que compõe uma linguagem e não mais como objetos em si, que parecem ser estrangeiros ao mundo da arte. Uma cadeira não é mais uma cadeira simplesmente, ela pode representar um corpo doente enigmático como na obra de Joseph Beuys. Seria como se a subjetividade da matéria bruta como o mármore ou a argila tivesse se transportado para os objetos industrializados.

Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado às obras de Rodrigo Cass. O tênis, o guarda-roupas, as roupas feitas de látex não são mais objetos comuns, são alegorias e metáforas apoiadas nestes objetos. O amolecimento do mundo

¹ A palavra **ready-made** só apareceu em 1915, quando fui aos Estados Unidos. Ela me interessou como palavra, mas quando coloquei uma roda de bicicleta sobre o banco, com o garfo invertido, não havia qualquer idéia de *ready-made* ou coisa parecida, era apenas uma forma de distração”. Cabanne, Pierre. Marcel Duchamp: Engenheiro do Tempo Perdido, Ed. Perspectiva, 1987, São Paulo, p. 79.

² Ibid., p.80.

³ “— O Moedor de Chocolate deve ser de 1913. Nós íamos sempre a Rouen para as festas de família, e vi esse moedor de chocolate numa chocolateria da Rue des Carmes. Devo tê-lo executado na minha volta, em janeiro”.

Título	Objetos como Alegorias	Autora	Sérgio Romagnolo
Data	2007	Artista	Rodrigo Cass
Publicação	ROMAGNOLLO, Sérgio Mauro. <i>Objetos como Alegorias</i> . Belo Horizonte: Celma Albuquerque Galeria de Arte, 2007 (Folder de exposição).		

que Rodrigo apresenta mostra uma variação para um universo de coisas moles, não agressivas, como os cactos sem espinhos de Tarsila que Leda Catunda cita em seu texto⁴.

Os tênis alinhados, paralelos, arrumados, mostram um mundo organizado, a camisa dobrada, os objetos na prateleira, cada coisa no seu lugar. Seria bom se o mundo fosse assim organizado e macio, sem pontas ou quinas, se não existissem as pedras ou os ouriços do mar, os pregos enferrujados. Pelo menos se o mundo não é assim, Rodrigo o vê dessa forma.

Por outro lado, em seus vídeos, o mundo ordenado se transforma. A cueca vai para dentro do liquidificador, a testa é colocada no espremedor de frutas. Aparece um narciso no reflexo de sua urina que, quando evaporada, deforma-se e desaparece. O ferro de passar roupa quente rasga a cueca e derrete o frasco plástico de leite.

O mundo escultural ordenado e macio perde o sentido, é questionado pelas imagens em movimento. O ambiente escuro e vazio é habitado por um ator solitário. Essa é a alegoria que Rodrigo constrói, objetos como companheiros e símbolos de uma narrativa passada dentro da casa. Como no desenho animado "A Bela e a Fera" os objetos criam vida, viram entes e dialogam com o artista. Como uma criança que imagina que a caixa de fósforos é um trator, o sapato pode vestir uma roupa.

⁴ Publicado na folha de São Paulo em 1998 e reproduzido no link: <http://sergioeleda.sites.uol.com.br/ledatarsila.html>